

A construção de uma história Universal: da dialética hegeliana ao materialismo dialético de Marx

The construction of a Universal History: from Hegelian dialectics to Marx's dialectical materialism

Silvane Ribeiro Gonçalves,¹ UNICENTRO

Resumo

O presente artigo tem por objetivo trazer discussões que versão a obra hegeliana *A razão na História*, em específico, a razão na construção de uma história universal, em um primeiro momento. Em seguida, é apresentado como cada autor defende suas ideias e as projeta na sociedade e, por último, chegamos ao ponto de análise em que Karl Marx crítica a teoria hegeliana, o que culminará com o fim da “filosofia da História”, ou seja, com o fim do sentido da História. Embora Marx tenha incorporado o método hegeliano da dialética, ele mudou a sua função. Enquanto Hegel usou para demonstrar a manifestação do que ele chamou “espírito absoluto”, por outro lado, Marx utilizou com base nas relações de produção que permeiam a realidade. São estas divergências que busco analisar e expor aqui. Para tanto, faz-se indispensável a discriminação entre os conceitos e métodos escolhidos e defendidos por eles, bem como suas concepções de termos que são pertinentes ao campo da historiografia e da filosofia.

Palavras-chave: Hegel; História Universal; Marx; Dialética; Materialismo

Abstract

The present article has as general objective to bring discussions on the Hegelian work *The reason in History*, in particular the reason in the construction of a universal history, at first. Then, it is presented how each author defends their ideals and projects them onto society. Finally, we reach the point of analysis in which Karl Marx criticizes the Hegelian theory, which will culminate in the end of the “philosophy of history”, that is, with the end of the meaning of history. Although Marx incorporated the Hegelian method of dialectics, he changed its function. While Hegel used it to demonstrate the manifestation of what he called the “absolute spirit”, Marx used it based on the production relationships that permeate reality. It is these divergences that I seek to analyze and expose here. Therefore, it is essential to discriminate between the concepts and methods chosen and defended by them, as well as their conceptions of terms that are pertinent to the field of historiography and philosophy.

Keywords: Hegel; Universal History; Marx; Dialectic; Materialism

Introdução

Pensar *a Razão na História* é um processo mais filosófico do que histórico. Contudo, no século XIX, na Alemanha, principalmente, se desenvolve uma escola histórica que acredita em uma fusão entre os processos históricos e filosóficos, e um dos integrantes dessa escola, também chamado partido filosófico-histórico, foi Hegel. De acordo com Hegel (1770 - 1831), a História está conectada e interligada com a razão — sendo objeto de estudo filosófico —,

¹ Acadêmica do curso de História Licenciatura, ofertado pela Universidade Estadual do Centro-Oeste, UNICENTRO.

visto que esta é a responsável por reger o mundo, o que sugere, que o devir, o acontecimento das coisas se dá de forma racional.

Hegel aborda de uma forma intrínseca a questão da razão na História. Mas o que é essa razão? Segundo o filósofo, é a razão divina, sendo no que lhe concerne, absoluta e está presente no devir histórico, como o filósofo expressa: “que esta Ideia ou Razão seja o Verdadeiro Poder Eterno e Absoluto e que apenas ela e nada mais, sua glória e majestade, manifeste-se no mundo” (HEGEL, 2001, p. 54).

Para compreendermos a dinâmica entre a razão descrita por Hegel e a História Universal, devemos considerar outro aspecto relevante na filosofia hegeliana, o Espírito, que é, para o autor, aquilo que constitui os indivíduos e os povos, de forma chula, o espírito é o próprio homem, entendido após um processo dialético, isto é, após uma tese, uma antítese e, por fim, uma síntese. Por trás de cada ação do espírito e por trás de cada acontecimento há uma força motriz, que é a razão (HEGEL, 1992).

Fazer entender que existe uma razão e que esta é o motor da história implica em fazer várias reflexões e análises, questões que foram pertinentes para muitos filósofos dentre eles Kant e o próprio Hegel. Sobre a razão, Kant diz que ela é uma ferramenta reguladora das ações humanas. Em seu livro *Crítica da razão pura*, Kant propõe que a razão orienta o que cabe ao homem conhecer, até onde o ser humano pode se questionar e conhecer. Hegel, embora tenha aspectos semelhantes com Kant, preconiza outra linha de pensamento acerca da razão, não a coloca como entidade reguladora, mas como algo maior: ela é o que relaciona objetividade e subjetividade, é o saber que há uma harmonia entre as ideias e as coisas, entre o objeto e o sujeito, entre a verdade objetiva e a subjetiva; e, vai além, segundo ele, a transformação da razão e dos conteúdos que lhe são pertinentes não passam de um processo racional que a própria razão realiza.

Se para Kant, a razão orienta a história, para Hegel, ela é a própria história e ela é o tempo, isto é, ela não está nem na história, nem no tempo, haja vista que tempo e história são a razão. Sendo assim, não é possível pensar na História sem pensar na razão, pois é ela que lhes confere sentido.

Em contraponto a Hegel temos Marx (1818 – 1883) que, como coloca Vianna (2013), um revolucionário que consegue brilhantemente fundir pensamento e ação, criando uma “filosofia da *práxis*”. Para Marx não é a razão o motor do devir histórico, mas as ações, o que ele chama materialismo histórico. Aliás, em sua obra *O 18 Brumário de Luís Bonaparte* (1851 - 1852), Marx começa com uma feroz crítica a Hegel e completa com a célebre frase: “Os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob

circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado” (MARX, 2000, p. 6). Em outras palavras, Marx coloca que a humanidade seja responsável pelo fazer história, embora não consiga fazer como se quer baseada nas escolhas, pois a história é um processo que se dá a partir de circunstâncias produzidas ao longo do tempo. Portanto, não há uma razão — como descreve Hegel — mas há um aspecto material que faz com que ocorra a marcha da história.

Hegel versus Marx

De início, devemos atentar para um fato sobre a relação entre Marx e Hegel: Marx iniciou seus estudos a partir de Hegel. Embora encontremos ao longo dos trabalhos, tanto de um quanto de outro, palavras semelhantes, seus conteúdos são extremamente diferentes. O fato é que não haveria um Marx sem ter existido antes um Hegel. Marx, no início de suas pesquisas nutria certa admiração por Feuerbach, até que se desaponta com este; ao mesmo tempo que nutria uma antipatia por Hegel, que, em contrapartida, posteriormente, acaba sendo envolto pelo pensamento hegeliano.

Notamos, inicialmente, que como se é de esperar, o tempo e contexto em que viveram não foi o mesmo. Com isso, as percepções de mundo diferem, assim como seriam se fossem conterrâneos. Para entender as divergências entre ambos, devemos analisar o que cada um defendia.

Para Hegel, o que move o mundo são os chamados processos dialéticos, ou seja, é um processo que o próprio Hegel enunciou, pelo qual se parte de uma ideia base — a tese — contrariada em seguida por outra — antítese — por fim, chega à conclusão — síntese, que não deixa de ser uma nova tese e, que, portanto, pode ser contestada pelo movimento dialético que dar-se-á em forma de espiral. Aliás, a dialética para Hegel não é só um método, é lógica, é o que expressa a realidade que está em movimentação permanente (TREIN, 2016, p. 35).

A dialética hegeliana tem um propósito, uma finalidade e um fim, sempre orientada pela razão de ser. De acordo com o teórico, essa finalidade do movimento dialético é o destino da história humana, ou seja, é a realização total do Espírito absoluto. O fim, é o *telos*,² isso é, o fim da história.

Isso nos leva a refletir sobre quais bases Hegel determinou haver um fim da história? Em primeiro lugar, a história contém progressos, mas esses não são eternos, são limitados. “O fim em si mesmo está no fato de que os homens, como portadores da história, do movimento

2 Termo grego desenvolvido por Aristóteles e significa “finalidade”, “propósito”.

da história, reproduzem, de alguma forma, cada um na sua existência, o movimento histórico de todos os homens, da humanidade. Em segundo, nenhum humano é imortal, é parte da natureza e como tal tem um sentido.

Marx, no que lhe concerne, se vale dessa mesma metodologia, contudo, vê na dialética uma ferramenta que serve para compreender a história e também considera um movimento inerente e natural da história. Engels, diz que a matéria existe no modo de movimento. Porém, para os marxistas, a dialética ocorre a partir das condições materiais de existência, ou seja, como os seres humanos desenvolvem e estabelecem relações em torno do trabalho. Sendo que os meios de existência são definidos, por Marx, como sendo o modo de produção. O homem é que faz a história, não há uma razão universal, como há na teoria hegeliana, que conduz a humanidade para uma finalidade, não tem nenhuma força externa e sobrenatural que determina o passado, o presente ou o futuro, seja na individualidade ou na coletividade. Portanto, para Karl Marx e para os Marxistas, não existe propósito, não existe uma finalidade ou um destino rumo ao qual a humanidade caminharia. Assim, a superação da dialética se dá por meio da relação que se estabelece entre as coisas e toda a realidade histórica, explicitado na interação entre as forças produtivas e as relações de produção.

Para Marx, no processo histórico, as contradições — o movimento dialético — se dá através de leis naturais, sem a possibilidade de intervenção humana. (TREIN, 2016, p. 38). De forma objetiva e clara, há entre os autores uma divergência com relação ao que expressam em suas respectivas concepções de dialética: Hegel vê a dialética como um processo intelectual, ou seja, ele pode ser considerado um idealista, enquanto Marx vê como um processo material e, a partir de tal elabora sua teoria do “Materialismo”, definido, na Filosofia, como uma doutrina que busca identificar tanto na matéria quanto em seu movimento, a realidade que fundamenta o universo, servindo também de base explicativa para os fenômenos das mais diversas esferas — naturais, sociais e mentais.

Sobre Marx, Leandro Konder (2010), coloca que após reformular suas posições, ele começa a elaborar suas teorias cujo teor eram verdadeiras críticas a Hegel:

Em 1843/1844, sempre com o apoio de Engels, começou a elaborar uma concepção do homem e uma concepção da história. Sua visão da condição humana levava-o a acreditar que os homens, contraditoriamente, promoviam a dominação crescente da natureza e tomavam iniciativas oportunistas e mal orientadas e prejudicavam o sentimento de paridade entre indivíduos e comunidades. O sujeito dominava o objeto, mas o objeto se vingava dele, destruindo as bases de sua autonomia (KONDER, 2010, p. 174).

Se para Marx, o sujeito vivia em uma ilusão de liberdade conferida pela autonomia que os objetos “destruíam”, para os hegelianos, os indivíduos só seriam livres quando se transformassem em autoconsciências que substituiriam os indivíduos de carne e osso, isso é, os indivíduos reais.

A concepção de História para os autores

Começemos pela definição que Hegel postula para a história. Ele vê a história como o desenvolvimento do conceito do Espírito (*Geist*) no tempo, nesse sentido, a história se refere a escrutinar a veracidade e a exterioridade de todos os acontecimentos em sua individualidade e efemeridade. Seu objeto é a singularidade e a finitude dos fatos. Por outro lado, a filosofia da história faz oposição a própria história, pois sendo essa última finita, a primeira busca encontrar por trás dessa finitude uma força que seja racional, universal e infinita. Força essa que rege todos os acontecimentos, retomando a questão de que há uma força que faz a história ocorrer, a Razão da História.

Agora, analisemos a concepção marxista de História. Marx via a história de como um processo multifacetado e não unilinear, tomando por base a ideia de classes — que ele divide em duas: proletariado e burguesia — formam a sociedade. De acordo com Marx, os homens são responsáveis por fazerem sua própria história, porém não fazem como querem; não são os homens que escolhem as circunstâncias dos processos envolvidos nos mais diversos acontecimentos, eles apenas agem sobre tais circunstâncias. Ele entende a história mediante a produção material de bens e dos elementos envolvidos no processo produtivo, isto é, o modo de produção, o trabalho envolvido e as relações econômicas. Sendo assim, a evolução histórica se dá de forma dialética, mas ao contrário da hegeliana, idealista, a dialética marxista é materialista, como já explanado anteriormente. Dessa forma, o que move a história não é uma consciência universal, mas sim a luta de classes.

Enquanto um pressupõe a existência de uma história movida por uma consciência, que deve ser ao mesmo tempo, a *consciência de si e para si*, Henri Lefebvre (1901 - 1991), coloca que ao analisar a historicidade em Hegel deve-se atentar para o fato de que a história se define. E nesse caso há três aspectos necessários, racionais e inseparáveis, sendo a finitude, a finalidade e a finição, definidos como:

- a) finitude, ou seja, determinação e limitação do processo, a delimitação inerente às condições disto nasce no movimento; b) finalidade, ou seja, orientação, sentido (duplo: objetivo e/ou subjetivo), destinação ou destino anunciado, devir previsível entretanto surpreendente, em síntese, inteligibilidade sob as contingências superficiais; c) finição: ou seja,

conclusão, perfeição, segundo o modelo da arte (conclusão e perfeição conforme a natureza ou à essência da coisa, portanto formas adequadas a seu conteúdo) (LEFEBVRE, 1970, p. 22, apud TREIN, 2016, p. 42).

Nota-se também que no pensamento hegeliano a história se dá de forma paradoxal, uma vez que todo seu movimento ocorre no presente, sem espaço para o passado e para o futuro. Por fim, sobre a Filosofia da História, ou em outras palavras, o derradeiro fim da história ocorre quando o Espírito alcança a realização da liberdade, sendo o Estado o grande final inerente a todos os homens, determinando, desse modo, a História universal.

Já o outro pressupõe uma existência materialista e resume nas contradições decorrentes dos conflitos entre as classes o motor da história. Marx divide a história em duas: uma da natureza e outra na história dos homens, sendo essa última o objeto de interesse de Marx. Em sua concepção, a história se desenvolve numa relação de espaço-tempo e é, enquanto movimento, resultado de duas estruturas que são a infraestrutura e a superestrutura, portanto, não há uma consciência capaz de determinar o caminhar da história e da vida, mas é a vida e a história que determinam a consciência.

Para Marx, na história, era preciso ir às últimas consequências no exame do condicionamento dos sujeitos pelo objeto, mas também não abrir mão da presença ativa do sujeito na transformação do objeto. “O mais profundo no pensamento de Hegel — escreveu Marx — está no fato de que ele percebe a cisão da sociedade política burguesa como uma contradição; o equívoco está no fato de que ele se contenta com a aparência de uma solução para o problema” (KONDER, 2010, p. 175).

Uma história universal dos indivíduos e dos povos em Hegel e em Marx

A concepção de História para Hegel se dá a partir da tríade “Ideia — Natureza — Espírito”, sendo a História o desenvolvimento do Espírito, enquanto a Natureza é o desenvolvimento da Ideia no espaço. Como já mencionado, o Espírito é a própria humanidade enquanto indivíduo e povo. Partindo disso temos a História Universal, isto é, a escrita de uma História que é comum a todos os povos, Hegel assim coloca em sua Filosofia do Direito, sobre a História Universal:

[...] a história universal não é o simples tribunal da sua força, ou seja, a necessidade abstrata e irracional de um destino cego; mas, porque ele é razão em si e para si, e o seu ser-para-si é no espírito um saber, a história é o desfraldar necessário, a partir do conceito tão-só da sua liberdade, dos momentos da razão, portanto da sua autoconsciência e da sua liberdade – a interpretação e a realização do Espírito universal (HEGEL, 2011, p. 342).

Tal assertiva nos sugere que a História é universal partindo do pressuposto de que ela é a realização das ações do Espírito. “A história universal, como foi comumente chamada, seria responsável por, além de registrar, reunir e selecionar os grandes feitos do gênero humano que elevam a civilização, apontar no futuro os caminhos de manutenção do progresso” (SANTOS, 2014). Isso significa, tomar por base uma linha que seria comum a todos os povos, uma visão ocidental e eurocêntrica da História.

Para Hegel, “a alma universal” se manifesta na humanidade de quatro modos: substantivo, também imutável; individual e variado; conflito entre substantivo e individual; e, o resultado da luta entre substantivo e individual. Sendo que cada um desses modos, possui sua realização em regiões específicas, Oriente, Grécia, Roma e as nações de origem germânica, respectivamente. Os quatro modos são também vistos como os quatro princípios históricos da sociedade. De acordo com Chateaubriand (2010), “Cada grande massa de povos, colocados nessas categorias geográficas, tira de suas posições diversas a natureza de seu gênio, o caráter de suas leis, o gênero de eventos de sua vida social”, ou seja, seria para Hegel e para o partido filosófico-histórico, esses quatro fundamentos a causa da história universal.

Entretanto, historiadores têm buscado uma nova forma de escrever a história deixando de lado a história universal, para a qual o progresso está nas mãos dos europeus. Hegel diz que a História começa na Ásia, mas tem seu auge e fim na Europa — e, em menor parte nas Américas (HEGEL, 2004). Para Hartog “A existência de civilizações (no plural) contradiz as pretensões universalistas, e não há, por conseguinte, nem civilização universal (conceito falso e perigoso) nem história universal. Em sua robusta simplicidade, a tese pode convir a muitos tanto no Norte como no Sul” (HARTOG apud SANTOS, 2020, p. 3).

É pragmático se pensar em uma História Universal, no sentido dado por sua epistemologia como sendo uma categoria de escrita historiográfica que é em sua definição marcado basicamente por discontinuidades. Encontramos nos primórdios do surgimento da história como campo de conhecimento, em autores como Políbio, uma forma de história universal que não considerava apenas a história de uma única região, mas de diferentes regiões conquistadas pelo Império Romano. Percebe-se que temos um conectivo que tornou os diferentes povos e regiões compartilhadores de uma mesma história: o domínio romano. Seguindo essa linha, encontramos a partir da Idade Média, orientada pela tradição cristã, a reorganização do devir histórico, cuja unidade histórica passa a ser pensada por meio da providência divina, nesse caso, o que todos tinham em comum, que os colocava sob o mesmo céu da história universal era a origem cristã e a crença no providencialismo. Por fim, durante

a Idade Moderna, a narrativa historiográfica passa a ter como eixo central as histórias e os acontecimentos de todos os povos e regiões.

Ou seja, com base nesses modelos é possível encontrar caminhos que permitam a escrita de uma história universal, no entanto, esses modelos não consideram que, como Hartog propôs, não existe nem civilização, nem história universal. Os gregos tinham uma percepção de história cíclica, baseada no destino, fatalista; no período medieval com Santo Agostinho de Hipona, passa a existir a ideia de História linear, isto é, com um começo, meio e fim, sendo o *telos*, Deus, deixando de lado o destino e surgindo o livre-arbítrio. Na modernidade, com o Renascimento a ideia de repetição é retomada com Vico e Nietzsche, até ser substituído novamente pela ideia de linearidade da História, no final do século XVII, até entrar em crise no século XVIII, com o Iluminismo, pois há a substituição do providencialismo pelo progresso do positivismo, com enfoque na razão. Surge aí a filosofia da história defendida por Hegel, Kant, Marx e Comte, também conhecida por história teológica.

E, no século XX, a concepção de finalidade, progresso e verdade são questionados e criticados. De acordo com os filósofos do século XX, a história é ateológica, isto é, não há um *telos*, não existe propósito nela e com isso a busca por um sentido da mesma finda, haja vista que não há um sentido.

Mas, como ficou a história universal de Hegel? Embora tenha ganhado grandes seguidores e sua obra tenha sido de suma relevância para a História, Marx irá se opor a esse modelo, ao menos em partes. Para Hegel, a História universal se dá desde sempre, constituindo a marcha do Espírito em busca da consciência de sua liberdade e, para ele, a história se iniciaria no oriente e evoluiria para sua plenitude no ocidente. Enquanto, para Marx, a História não é universal desde a origem e, as histórias do Oriente e do Ocidente são opostas, tendo fundamentação, para Marx, na luta de classes, existente de maneira autônoma no ocidente.

Entretanto, Marx percebeu que não havia em todos os lugares a luta de classes, e tais sociedades baseadas em outros sistemas não possuíam uma história propriamente dita, exceto na Europa Ocidental. Ou seja, a partir desse ponto a história passa a ser universal. Uma história universal de lutas de classes, uma luta entre proletariado e burguesia. Marx, com isso, “liberta” tanto a Filosofia quanto a História do pensamento hegeliano, isto é, de uma ideia na qual a razão que é a história conduziria todos os espíritos ao “progresso” no qual se encontrava o ocidente.

O que significa passar de Hegel a Heráclito, do idealismo especulativo ao naturalismo? Significa cessar de usar a dialética para escamotear o tempo. Porque o tempo não é superável: não se o escamoteia. O movimento do pensamento não deve ser absolutizado, como em Hegel, onde ele se torna “o demiurgo da realidade”: ele não é, em sua realidade, senão a “reflexão do movimento real”. Por movimento real é preciso entender: movimento que implica o tempo – um tempo histórico. Em Hegel, o movimento real não ocorre na Enciclopédia, mas com a “História Universal”. Assim, o movimento real não é essencial à dialética. É somente na história universal que a dialética se entronca com o movimento real. Mas, não sendo a história universal senão um momento, é superada. E nisso reside a diferença radical com Marx: em Hegel, a História é justificada e superada; em Marx, não há superação da História. Isso quer dizer que não há “um sentido na história” já encerrado na Ideia eterna.

Em Hegel, o movimento é superado, pois a Causa do movimento é, como em Aristóteles, a Ideia eterna. Em Marx, não há outras causas que não as contradições inerentes às formas existentes e o movimento não é superado. Como o movimento está ligado à contradição, isso quer dizer que esta não é superável. Todas as contradições particulares são superáveis, mas a contradição como tal não o é. Como em Heráclito, onde o devir não é superável, sempre houve e haverá movimento, e nada mais: aparecimento e desaparecimento perpétuos das formas. Só resta à dialética as coisas finitas: só há finitos – e essa é a essência do materialismo, segundo Hegel (CONCHE, 2010, s.p).

Diferentemente de Hegel que propõe um *telos* para a História, há uma justificação e uma superação desta, Marx propõe que o que faz a História são as contradições existentes e que, por isso, não existe sua superação, não existindo desta forma, um sentido para ela.

A substituição de um certo modo de produção por um outro, esse é o sentido aproximado da história que vivemos. E não há outro sentido senão o aproximado. A história não é finalista, ela não tem um sentido geral definido anteriormente, pois dedução alguma pode substituir a história real. A dialética vai do abstrato ao concreto, mas o concreto é “o verdadeiro ponto de partida”: ela portanto não teria nada a ver com o concreto que será, mas ainda não o é. Ela nos dá a inteligência da história em sua necessidade, mas [a necessidade] da história real, efetivada, não da história que ainda não é real. Ela não permite absolutamente a antecipação. Antecipar seria ainda um modo de escamotear o tempo. Ora, a dialética só tem sentido como reflexão do movimento real, o qual supõe a absoluta realidade do tempo (CONCHE, 2010, s.p).

O uso da dialética é distinto entre Hegel e Marx, pois, “A dialética significa, em Marx, a autossupressão daquilo que é. Daí que não há nada de absoluto, nada que seja imune à instabilidade e que não venha a desaparecer.” (CONCHE, 2010, sp). Ou seja, Marx busca a materialidade, naquilo que é concreto, o “materialismo histórico e dialético”, enquanto Hegel busca na consciência, no abstrato, por meio da tríade já mencionada: Ideia, Natureza e Espírito.

Portanto, em Marx a História ganha uma nova configuração, objetivado pelo novo papel assumido pelo método dialético, tão usado por Hegel:

Um processo marcado pelas relações materiais entre os homens, onde cada etapa histórica é marcada por um modo de produção que determina a divisão de trabalho e conseqüentemente a divisão de classes.

O materialismo dialético visa enxergar a realidade a partir das contradições inerentes nas estruturas econômicas. Essas contradições são visíveis na luta de classes. O fim último, segundo Marx, da humanidade será superar o antagonismo vigente por meio da implantação do comunismo.

Portanto, Marx mudou o foco de aplicabilidade do método dialético tirando das nuvens para a realidade terrena (JUSTINO, 2012, s.p).

Marx não consegue, no entanto, fugir da ideia de História Universal. Uma vez que estamos inseridos no modelo econômico capitalista, as relações de lutas entre as classes são latentes, sendo assim, a partir de Marx, a forma pela qual os processos históricos ocorrem. Sugerindo, dessa forma, que enquanto persistam as lutas de classes, esta será a História Universal dos indivíduos e, conseqüentemente, dos povos.

o caráter materialista de sua teoria da história, ao contrário do idealismo presente em Hegel, de quem ele apreende a lógica dialética. É o respeito ao caráter dialético da realidade que obriga uma apreensão teórica sobre a mesma a tratá-la dialeticamente. Em Hegel, constrói-se um sistema conceitual, a partir da lógica dialética, e, a partir dessa ideia/razão, é que o concreto se apresentaria como a manifestação concreta desse sistema conceitual abstrato. As abstrações, portanto, seriam puramente ideais. Ao contrário, em Marx, as abstrações (no pensamento) não podem ser puramente ideais, a partir do próprio pensamento (puramente lógicas), mas obrigatoriamente devem ser reais. [...]

Os homens são seres dotados de necessidades e para satisfazer essas necessidades interagem com a natureza através do trabalho. Por meio do trabalho o homem transforma a natureza de acordo com um fim, de forma a adaptar os objetos espontaneamente dados por ela às suas necessidades. No processo de trabalho o homem “põe em movimento as forças naturais pertencentes a sua corporeidade” para transformar a natureza, agindo sobre as relações causais desta. Para além disso, “agindo sobre a natureza externa e modificando-a por meio desse movimento, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza”. Isso nos permite uma primeira aproximação do conceito de forças produtivas: as potencialidades que permitem ao homem transformar a natureza. Nesse sentido, forças produtivas não são um dado natural exógeno à ação humana e que apenas permitem produzir de forma mais eficiente. Ao contrário, forças produtivas são objetivações das capacidades humanas que se apresentem das mais diferentes formas ao longo da história – desde os mais variados meios de produção até as formas de organização da produção e os conhecimentos e habilidades dos produtores (AUGUSTO; CARCANHOLO, 2014, p. 14–15).

Esse modelo proposto por Marx nos é mais próximo, assim como seus estudos mesmo feitos no século XIX são pertinentes e atuais. E isso foi fator crucial para a ruptura com o modelo hegeliano, bem como os demais.

Assim, não há filosofia da história em Marx porque a história não pode ser derivada de princípios abstratos. Não se trata de uma contraposição de uma filosofia da história idealista – história como desenvolvimento da consciência – e uma materialista – história como desenvolvimento das forças produtivas – esta última supostamente presente em Marx. Uma teoria da história em Marx, presente desde *A Ideologia Alemã*, pode ser resumida nos princípios de que as forças produtivas são sociais, de que relações de produção e forças produtivas se determinam reciprocamente e que o papel das forças produtivas como momento predominante é apenas o de condicionante, de limitador de possibilidades (AUGUSTO; CARCANHOLO, 2014, p. 21).

Dessa forma, Marx ao conotar nova utilização para a dialética hegeliana, estabelecendo princípios concretos e não abstratos para a gênese e desenvolvimento da História, acaba por liquidar com a filosofia da história. Não determinando, entretanto, um sentido para a História, mas determinando novo condicionante para uma “história universal” pautada nas forças produtivas e lutas de classes.

Conclusão

Busquei nesse artigo apresentar que as concepções de História variaram ao longo do tempo e de acordo com as sociedades. Sendo, inclusive, retomados modelos. Também procurei traçar um breve esboço da teoria da história hegeliana que foi confrontado e colocado em cheque com Marx que, aliás, se valeu do modelo dialético de Hegel, apenas transferindo sua aplicação de uma base abstrata para a base concreta do materialismo. Com isso, emergiu uma nova visão da História, na qual não há um sentido ou propósito.

Hegel foi deixado de lado, bem como, sua “filosofia da história”, pois sua formulação não servia mais para elucidar questões pertinentes como Marx fez. Mas, será que a fundamentação de Marx não deixará de ser válida em determinado momento? Sendo a História uma desnaturalização e desconstrução das relações baseado no devir, a resposta mais coerente é: talvez. François Dosse (2010), explana:

A história se transubstanciava assim na narrativa da marcha dos seres humanos em direção ao melhor, ao progresso, a uma sociedade do bem-estar para além das provações vividas. Essa história do século XIX nasceu também dos impactos do Século das Luzes, da ascendência do reino da razão entre filósofos como Kant, Hegel e Marx, que veem na história a realização,

o desdobramento mesmo da racionalidade vivenciada nessa época (DOSSE, 2010, p. 6).

A História é feita pela humanidade e para ela. Isso significa que a História, enquanto ciência, tem a função de desnaturalizar tais relações que eram tidas como imutáveis. Prescrevendo, assim, discussão acerca das mudanças e dos motores que promoveram as mesmas, a História não é estática. Nisso Hegel e Marx concordavam, e quanto ao propósito ou ausência do mesmo? Para nós é mais fácil pensarmos que caminhamos para algo ou que vivemos a esmo?

Embora a corrente marxista seja a mais aceita e usada, Hegel teve e tem grande relevância para a História e para os historiadores.

Fontes

SALVADORI, Mateus. **Filosofia da História**. Vídeo. (00:12:09). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=gIZgQwwISxA&t=75s>> Acesso em 06, out, 2020.

SALVADORI, Mateus. **Hegel: história e astúcia da razão**. Vídeo. (00:07:21) Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ETf-NP9tmh0>> Acesso em 06, out, 2020.

SALVADORI, Mateus. **História cíclica ou linear?** Vídeo. (00:07:00) Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Zik4rkseQhE>> Acesso em 06, out, 2020.

Referências Bibliográficas

AUGUSTO, André Guimarães; CARCANHOLO, Marcelo Dias. **Ainda sobre a teoria da História em Marx**. Lutas Sociais, São Paulo, vol.18 n.33, p. 09-22, jul./dez. 2014. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/ls/article/viewFile/25738/18373>> Acesso em 09, out, 2020.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de História. In: BENJAMIN, Walter. **O Anjo da História**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

CONCHE, Marcel. **Marx: naturalismo e história**. Le Nouvel Observateur. 04, jan, 2010. apud: Carta maior. Disponível em: <<https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Politica/Marx-naturalismo-e-historia/4/15452>> Acessado em 08, out, 2020.

DIEHL, Diego. **Marx além de Hegel: uma interpretação a partir da Filosofia da Libertação**. Revista Direito e Práxis [online]. 2018, v. 9, n. 3, pp.1812-1839. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2179-8966/2018/36552>>. Epud Jul-Set 2018. ISSN 2179-8966. <https://doi.org/10.1590/2179-8966/2018/36552>. Acessado em 08, set, 2021.

DOSSE, François. História e historiadores do século XIX. In: MALERBA, Jurandir (org.). **Lições de história: o caminho da ciência ao longo do século XIX**. - Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010. p.15-31.

DUTRA, Eliúde de Oliveira. **Crítica de Marx à teoria hegeliana do estado: uma leitura da obra crítica à filosofia do direito de Hegel**. Vol. 6, nº 2, 2013. <www.marilia.unesp.br/filogenese> p. 34-47. Disponível em:

<<https://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/FILOGENESE/eliudedutra.pdf>>
Acessado em 20, set, 2020.

FILOSOFIA e História em Hegel. Só Filosofia. Virtuoso Tecnologia da Informação, 2008-2020. Disponível em <http://filosofia.com.br/vi_areas.php?id=13> Acesso em 09, out, 2020.

HARTOG, François. Experiência do tempo: da história universal à história global. **História, Histórias, Brasília**, v. 1, n. 1, 2013. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/indez.php/hh/issue/view/837>> Acessado em 09, set, 2021.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **A razão da História.** Marxists.org, 13, mai, 2020. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/hegel/1822/mes/90.htm> Acesso em 31, set, 2020.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **A Razão na história:** uma introdução geral à filosofia da história / Georg Wilhelm Friedrich Hegel; Introdução de Robert S. Hartman; Tradução de Beatriz Sidou. -- 2. ed. -- São Paulo: Centauro, 2001.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Fenomenologia do Espírito.** 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1992. pt.1.

HOBSBAWN, Eric. Marx hoje. In: HOBSBAWN, E. **Como mudar o mundo:** Marx e o Marxismo. São Paulo: Cia das Letras, 2011.

JÚNIOR, R. N. **O conceito de história em Karl Marx:** Array. Griot: Revista de Filosofia, [S. l.], v. 15, n. 1, p. 277-290, 2017. DOI: 10.31977/grifi.v15i1.739. Disponível em: <<https://www3.uufrb.edu.br/seer/index.php/griot/article/view/739>>. Acesso em: 1, jun, 2021.

JUSTINO, Daniel Leite da Silva. **A dialética hegeliana e o materialismo dialético de Marx.** Webartigos. 18, abril, 2012. Disponível em: <<https://www.webartigos.com/artigos/a-dialetica-hegeliana-e-o-materialismo-dialetico-de-marx/87362/>> Acessado em 08, out, 2020.

KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura.** Disponível em: <https://www.livrariapublica.com.br/2019/01/critica-da-razao-pura-immanuel-kant_30.html> Acessado em 01, out, 2020.

KONDER, Leandro. A história em Marx. In: MALERBA, Jurandir (org.). **Lições de história:** o caminho da ciência ao longo do século XIX. - Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010. p. 173-189.

KOSELLECK, Reinhart. A configuração do moderno conceito de história. In: KOSELLECK, Reinhart. **O conceito de história.** Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

KOSIK, Karel. **O Indivíduo e a História.** Marxists.org, 25, nov, 2019. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/kosik/1968/09/individuo.htm>> Acesso em 09, out, 2020.

LIMA VAZ, H.C. de. Método e Dialética, In: BRITO, Emidio Fontenele de; CHANG, Luiz Harding, (Org.). **Filosofia e método.** Coleção CES n. 15 – São Paulo: Edições Loyola, 2002, pp. 9-17.

MALERBA, Jurandir (org.). **Lições de história:** o caminho da ciência ao longo do século XIX. - Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã.** São Paulo: Martins Fontes. 2001.

MARX, Karl. **O 18 Brumário de Luís Bonaparte.** Néelson Jahr Garcia (1947-2002). Edição Ridendo Castigat Mores - Versão para eBook eBooksBrasil.org. Fonte Digital: <www.jahr.org>. 2000.

NOV.ELLI, Pedro Geraldo. **O idealismo de Hegel e o materialismo de Marx:** demarcações questionadas. Interface (Botucatu), Botucatu, v. 3, n.4, pág. 168, fevereiro de 1999. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32831999000100017&lng=en&nrm=iso>_acesso em 02, out, 2020.

PECORARO, Rossano. **Filosofia da História.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora. 2009.

PRADO, Carlos. **Razão e progresso na filosofia da história de Hegel.** Vassouras: Revista do Mestrado em História, vol. 12, nº2, 2010, p. 99-114. Disponível em: <https://philarchive.org/archive/DASOPN-3>> Acesso em 06, out, 2020.

RAMOS, André; ARAÚJO, Valdeci Lopes de. A emergência de um ponto de vista cosmopolita: a experiência da História de Portugal na Universal History. **Almanack** (10): 479-491, 2015.

SANTOS, Reinan Ramos dos; JASMIN, Marcelo Gantus. (orientador). **História universal, progresso e ação:** História dos conceitos e teoria política na situação epistemológica contemporânea. Disponível em: <https://www.puc-rio.br/ensinopesq/ccpg/pibic/relatorio_resumo2014/relatorios_pdf/ccs/HIS/HIS-Reinan%20Ramos%20dos%20Santos.pdf> Acessado em 09, out, 2020.

SCALDAFERRO, Maikon Chaider Silva. **Hegel e o fim da História.** Fortaleza: Polymatheia, vol. V, nº 8, 2009, p. 211-230.

SOARES DA COSTA, César Augusto. **Premissas conceituais sobre a formação do materialismo de Marx.** Prax.filos., Cali, n. 31, pág. 61-72, julho de 2010. Disponível em <http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0120-46882010000200004&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 08, set, 2021.

TREIN, Franklin. **A relação Marx-Hegel:** um desafio insuperável. Revista Dialectus. Ano 3 n. 8. Jan/Ago 2016. p. 33-59.

VAISMAN, Ester. **Marx e a Filosofia:** elementos para a discussão ainda necessária. Nova Economia [online]. 2006, v. 16, n. 2, pp. 327-341. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-63512006000200005>>. Epub 30 Nov 2006. ISSN 1980-5381. <https://doi.org/10.1590/S0103-63512006000200005>. Acessado em 08, set, 2021.

VIANNA, Marly. Karl Marx (1818-1883). In: PARADA, Maurício (org.). **Os Historiadores:** clássicos da história, vol. 2: de Tocqueville a Thompson. - Petrópolis, RJ: Vozes: PUC-Rio, 2013.